

UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA UTILIZANDO VÍDEOS DO YOUTUBE E NETFLIX EM AULAS DE CONVERSAÇÃO

AN EXPERIENCE ANALYSIS OF CREATING DIDACTIC ENGLISH LANGUAGE TEACHING MATERIAL UTILIZING YOUTUBE AND NETFLIX VIDEOS IN CONVERSATION CLASSES

Gyzely Suely Lima¹
Priscilla Mendes Fernandes²

RESUMO: Este trabalho apresenta uma análise reflexiva da experiência de criação de material didático pela professora-pesquisadora durante suas aulas de conversação em língua inglesa utilizando tecnologias digitais, como YouTube e Netflix. Para tanto, tratamos das concepções de Linguística Transdisciplinar de Celani (1998) e nas vantagens de uso das TICs em sala de aula segundo Moita Lopes (2013). Nesse sentido, os pressupostos teórico-metodológicos da Pesquisa Narrativa (CLANDININ, CONNELLY, 2011) possibilitaram o aprofundamento do estudo por meio das narrativas e composição de sentido. Podemos destacar como um dos resultados a percepção da professora-pesquisadora como mediadora do trabalho colaborativo.

Palavras-chave: Material didático. Tecnologias digitais. Papel do professor. Pesquisa narrativa. Linguística aplicada.

ABSTRACT: This paper presents a reflective analysis from a teacher-researcher's experience in creating didactic material during her English conversation classes by using digital technologies such as YouTube and Netflix. During the result analysis, we found the need to theoretically support this work on Celani's (1998) conceptions of Transdisciplinary Linguistics and the advantages of using ICTs in the classroom according to Moita Lopes (2013). This research is based on the theoretical and methodological principles of Narrative Inquiry (CLANDININ, CONNELLY, 2011). In this sense, we can highlight as results, her acting as a mediator, giving students the opportunity to collaborate during classes.

Keywords: Pedagogical material. Digital technologies. Teacher's role. Narrative inquiry Applied linguistics.

1. EXPLAINED: INTRODUÇÃO ³

Este texto apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida como trabalho de conclusão de curso de pós-graduação lato sensu em Tecnologias, Linguagens e Mídias em Educação sob a orientação

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e docente no Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM)- Campus Uberlândia Centro. E-mail: gyzely@iftm.edu.br

² Graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia. Mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), pós-graduanda em Tecnologias, Linguagens e Mídias em Educação no Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM – Campus Uberlândia Centro) e pós-graduanda em Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva. Professora de inglês em uma escola de idiomas da rede privada na cidade de Uberlândia (MG). E-mail: priscillamendes93@gmail.com

da professora doutora Gyzely Lima. Nossa temática de estudo surgiu ao pensar as aulas de conversação em língua inglesa no contexto atual, que desencadeia diversos questionamentos sobre o material didático utilizado em aulas com este fim específico. Acreditamos que isso se deve ao fato de que, primeiramente, ao citar a palavra ‘conversação’, o entendimento do senso comum é de que não há a necessidade de materiais didáticos específicos durante a aula. Este é um equívoco popularmente recorrente.

Porém, acreditamos que as aulas de conversação devem criar oportunidade de estímulo e de orientação para os participantes interessados em aprimorar sua expressão oral em língua estrangeira, oferecendo a eles estratégias de conversação sobre os mais diversos temas e circunstâncias linguísticas, considerando a língua como prática social. Para isso, é preciso oferecer a estes alunos um ponto de partida, a fim de propiciar debates e diálogos mais próximos da realidade e dos interesses deles, para que consigam alcançar os objetivos de proficiência em língua inglesa.

Assim sendo, problematização deste trabalho parte da dificuldade de encontrar e desenvolver um material didático condizente com a realidade dos alunos, o qual propicie aos estudantes maior engajamento nas aulas por se identificarem de alguma maneira com o conteúdo proposto a ser debatido durante a conversação em língua inglesa (L.I.). Logo, trabalhar com a criação de materiais autênticos nesse contexto de aulas de conversação em L.I torna-se um diferencial e um fator relevante para atender as necessidades dos estudantes. Nesse sentido, devemos considerar a autenticidade dos materiais didáticos. Concordamos que essa é uma característica de suma importância e não consiste somente na questão da originalidade dos materiais criados, conforme explicam Andrade e Silva (2017, p. 2):

A questão da autenticidade no ensino de línguas emerge com força a partir do surgimento da abordagem comunicativa, no início da década de 1970, como uma crítica à artificialidade dos textos, diálogos e interações presentes nos métodos anteriores, em especial no método audiolingual.

Dessa maneira, fica perceptível que o exercício da oralidade em Língua Inglesa em aulas de conversação deve ir além de materiais artificiais que simulam diálogos irreais. A criação de situações verossímeis e possíveis na realidade, em que uma conversação aconteça naturalmente, é essencial. Afinal, ao utilizar seu aprendizado na vida real, os alunos não irão se deparar com conversas pré-prontas, respostas automáticas e limitadas. Portanto, devem se preparar para lidar com situações cotidianas.

Neste estudo, o contexto onde se desenvolveu a pesquisa consistiu em aulas de conversação em língua inglesa para uma turma de 08 alunos, de uma escola de idiomas da rede privada na cidade de Uberlândia (MG), durante o primeiro semestre de 2019. Ao perceber que o material didático não engajava eficientemente os alunos e, conseqüentemente, as aulas pareciam ser monótonas para eles, como

professora-pesquisadora, tomei a ação de criar nosso próprio material didático para conversação em língua inglesa, tendo em vista que apesar de a escola trabalhar com livros didáticos específicos, geralmente os professores dessa instituição sempre tiveram a liberdade de escolher a utilização desses livros ou outros materiais didáticos.

Vale ressaltar que a produção de material didático autêntico traz à tona questões sobre originalidade e personalização do ensino, visto que, a partir da minha observação como professora-pesquisadora, busquei e ainda busco analisar o contexto em que vivem meus alunos, além de suas reações meio às aulas e materiais, para proporcionar a eles experiências mais significativas, personalizadas, que os deixem mais à vontade, de modo a serem mais engajados no processo de aprendizagem de língua estrangeira

Acredito que fugir de padrões previamente impostos de modo a personalizar o material didático, foi algo que como professora-pesquisadora pensei e decidi colocar em prática, saindo do livro didático que não lhes parecia ter atrativo algum, contendo imagens em preto e branco e textos para debate com assuntos que não lhes despertavam interesse, fazendo com que as aulas de conversação não fluíssem da maneira natural e prazerosa como deveriam. Acreditamos que os livros didáticos oferecidos pelas escolas funcionam muitas vezes como manuais que, por vezes, limitam o processo de ensino e aprendizagem, conforme afirma Moita Lopes (2013, p. 167):

Um dos riscos apresentados por essa vocação dos manuais - ou por esse modelo de LD - (...) é o de o professor perder a voz, ficar subordinado a esses impressos, deixar de planejar um ensino adequado e favorável a seu alunado.

Nesse sentido, o livro didático que a escola ofereceu para este tipo de aula, mostrou-se insuficiente desde meu primeiro contato com ele e, tendo isto em vista, optei por proporcionar aos meus alunos o contato com material autêntico em inglês e a oportunidade de desenvolverem autonomia na recomendação das temáticas. Assim sendo, não só busquei criar nosso próprio material didático, como me preocupei em compreender os interesses dos participantes da turma. Houve então, um momento de compartilhamento de recomendações de vídeos e negociação de temáticas entre os estudantes durante todo o semestre. Ao passo em que eu levava até eles as novidades, eles também contavam com a liberdade de dar sugestões que pudessem fazer parte do planejamento das próximas aulas.

Um acontecimento interessante foi quando levei para a sala de aula um trecho de um episódio da série *Stranger Things*⁴ para que discutíssemos sobre a cena, não havendo problemas caso alguém não

⁴ *Stranger Things* é uma série do gênero aventura, produzida pela plataforma Netflix, que trata sobre amizade e alguns acontecimentos incomuns em uma pequena cidade americana denominada Hawkins, na década de 80.

conhecesse a série. Na cena em questão, monstros presentes na série perseguiam as personagens, causando bastante emoção ao telespectador devido à adrenalina transmitida pela série, que se enquadra nos gêneros de ação, aventura e suspense. Um dos alunos nunca havia assistido um episódio sequer e, na aula seguinte, veio relatar de modo empolgado que assistiu em casa a todas as temporadas dessa série que conheceu durante as aulas. Isso mostrou que o aluno manteve contato com o material autêntico em inglês fora do momento de sala de aula. Compreendo que o estudante teve a autonomia de aprimorar o conhecimento sobre a série em questão, assistindo-a em inglês, conforme seu relato na aula seguinte.

Ademais, ocorreram situações em que os alunos me sugeriram levar determinadas músicas, bem como trechos de alguns filmes e séries. Prontamente, atendi às solicitações adaptando-as ao que seria possível dentro do contexto das aulas, para que desenvolvêssemos a oralidade em língua inglesa na sala de aula. Conseqüentemente, os resultados foram bem-sucedidos e identificados nos relatos dos próprios participantes da turma, além de na minha autoavaliação como professora, que realizei a partir da minha observação durante a realização das atividades. Nas aulas, percebi que minha sensação era de satisfação em ver que os interesses dos alunos estavam sendo atendidos por meio dessa proposta colaborativa na produção de nosso material didático autêntico.

Consideramos relevante destacar que durante minha formação docente, a vontade de aliar os recursos digitais de diversas maneiras às minhas aulas de ensino de inglês, foi intensificada. Acredito que o uso das tecnologias digitais pode ser um fator facilitador nos processos educacionais, conforme afirma Moita Lopes (2013, p. 186):

(...) a presença das TICs e de dispositivos digitais conectados em sala de aula tem efeitos de alcance mais amplo, como, por exemplo, poder acessar outras amostras e acervos que não somente aqueles valorizados e selecionados por autores e editores de impressos (...), amostras e acervos de diferentes culturas e variedades do português do Brasil (...) e, no caso de inglês, o mesmo: textos de diferentes culturas e de diferentes variedades dos ingleses americano, britânico e dos ingleses do mundo.

Nessa perspectiva de Moita Lopes me deparei, então, com as diversas possibilidades de formas de planejamento de aulas de inglês como língua estrangeira e com como elas poderiam ser desenvolvidas. Especificamente, nas aulas de conversação em Língua Inglesa, em que alunos de níveis avançados se matriculam para manter contato com o idioma e aprimorem seu inglês por meio da expansão do repertório linguístico, através da prática de estratégias de ensino e aprendizagem com enfoque na proficiência da oralidade em inglês.

Dessa forma, o objeto de estudo deste trabalho foi minha experiência docente de criação de material didático, com uma turma de conversação em Língua Inglesa de uma escola de idiomas e artes,

particular, situada na cidade de Uberlândia (MG), com base nos seguintes questionamentos:

- a) Como criar oportunidade para conversação em L.I usando trechos de vídeos como material didático autêntico?
- b) Como criar material didático para conversação em L.I usando material autêntico da internet?

Este estudo buscou, então, responder a essas perguntas, analisando como inserir vídeos em aulas de conversação em L.I., de modo a trabalhar a oralidade do idioma com assuntos que fossem de maior interesse dos alunos, fazendo com que houvesse mais engajamento e desenvoltura da parte dos mesmos. Como objetivo geral da pesquisa, buscamos analisar a experiência de criação de material didático por uma professora de língua inglesa em aulas de conversação. Especificamente, houve a investigação do processo de criação de material didático como uma forma de personalizar o ensino, considerando os interesses dos alunos, de modo a se sentirem familiarizados com os temas propostos para a conversação.

Entendemos que há a necessidade de aprimorar o ensino das aulas de conversação em Língua Inglesa, apresentando uma experiência docente que percebeu a importância da utilização da tecnologia como facilitadora nos processos de ensino aprendizagem. Para tanto, a estrutura deste texto é organizada em tópicos que metaforicamente fazem referência a títulos encontrados no Netflix, que foi uma plataforma de streaming utilizada para as aulas de inglês. A seguir, tratamos da metodologia de pesquisa qualitativa em que este estudo se fundamentou devido às particularidades do objeto de estudo: a experiência docente. Encontramos na abordagem da pesquisa-ação, “(...) que propõe (...) a transformação da realidade investigada e a produção do conhecimento.” (TANAJURA E BEZERRA, 2015, p. 11), a viabilidade de nos orientarmos nos pressupostos da Pesquisa Narrativa (CLANDININ, CONNELLY, 2011) para investigarmos e analisarmos nosso objeto de estudo. Por fim, discorreremos sobre as considerações finais da pesquisa realizada.

2. GREY’S ANATOMY: METODOLOGIA ⁵

Ao trabalhar com uma turma de conversação em inglês, surgiu o desafio de como professora-pesquisadora criar nosso próprio material didático, visto que, o mesmo consta atualmente em um livro que contém um pequeno texto por página, acompanhado por uma imagem correspondente em preto e

5

GREY’S ANATOMY

branco, sendo que cada página traz uma temática diferente. Porém, na maior parte das vezes são temas que não despertam interesse aos alunos, por serem muitas vezes antiquados, irrelevantes ou cansativos. Muitas pessoas veem nessas aulas um momento de aprendizado aliado ao lazer. Portanto, este momento de troca de saberes deve ser prazeroso. Ao conversar com a diretora da escola, fui autorizada a abrir mão do material e ministrar as aulas de um modo mais dinâmico e que, a meu ver, se aproximaria mais da realidade e do cotidiano dos alunos, fazendo-os mais interessados e participativos.

Ressalto que dentre as possibilidades metodológicas da pesquisa-ação, esta é uma pesquisa narrativa que se encontra na área da Linguística Aplicada, que, segundo Celani (1998, p. 118):

(...) parece ter vocação para uma atitude transdisciplinar. Essa preocupação com o social, com o humano, há tempos tem sido objeto de pesquisas em Linguística Aplicada e, de fato, é componente fundamental na definição da disciplina.

Exatamente por pensar na qualidade de minhas aulas, a partir da preocupação com o interesse dos alunos e no enriquecimento de seus aprendizados, foi que iniciei este processo diretamente com o uso da tecnologia. Experimentei levar excertos de séries da plataforma Netflix, bem como partes de filmes e pequenos vídeos do YouTube, para que, ao terminar de assistir, falássemos sobre o assunto presente no vídeo, de modo a inseri-lo em nossa realidade. Foi então o que ocorreu em sala de aula. Os alunos conseguiram, dessa forma, comparar o que assistiram com situações pelas quais passaram no dia a dia, bem como com notícias que viram em jornais, fossem elas sobre nosso país ou sobre qualquer outro lugar do mundo. Felizmente as reações se mostraram bastante bem-sucedidas por parte dos alunos e também da diretora, que recebeu alguns feedbacks dos estudantes, me repassando os mesmos.

Falar de si próprio e do seu cotidiano, são assuntos que, em geral, agradam bastante os estudantes de idiomas. Portanto, aliar isso a séries, filmes e vídeos com temática populares, frequentemente debatidas e constantemente presentes na mídia, se mostrou um ponto interessante para trabalhar a oralidade da Língua Inglesa, por fazer com que os alunos se sentissem mais à vontade para se expressar.

Esta pesquisa foi realizada com a proposta metodológica da pesquisa qualitativa, com enfoque na pesquisa-ação, dentro da perspectiva da pesquisa narrativa, pois teve sua fonte de informações no próprio local dos acontecimentos que geraram a coleta de dados para a realização deste trabalho. Pesquisa qualitativa é aquela que, de acordo com Silveira e Córdova (2009, p. 31) “(...) não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”

Enquanto isso, a modalidade de pesquisa denominada pesquisa-ação, segundo Severino (2010, p. 120):

(...) é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas.

Assim sendo, devido à minha experiência de professora-pesquisadora ter sido meu próprio objeto de estudo, estive sempre presente no meio pesquisado, como participante, utilizando da autonomia a mim concedida pela escola, para a criação de materiais didáticos e para a aplicação destes materiais na sala de aula de conversação em Língua Inglesa da escola de idiomas. Tripp (2005, p. 445), diz que

A pesquisa-ação educacional é principalmente uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos (...)

O contexto da pesquisa se passou no ambiente de uma escola de idiomas e arte, localizada em Uberlândia (MG), em salas de aula bem estruturadas e equipadas. Para tanto, os instrumentos principais utilizados pela participante para a realização dessa pesquisa foram vídeos e excertos de filmes e séries, provenientes de plataformas como Netflix e o site YouTube.

2.1 CHILLING ADVENTURES OF PRISCILLA: A PROFESSORA- PESQUISADORA ⁶

Iniciei meus estudos em Língua Inglesa aos dez anos de idade na quinta série do ensino fundamental. O interesse pelo idioma foi imediato e, aos treze anos de idade, iniciei um curso de inglês em uma escola de idiomas. Após fazer a prova de nivelamento, fiquei adiantada um semestre; isto fez com que eu me formasse em quatro anos e meio ao invés de cinco, que é o tempo de duração do curso completo. No ano de 2010, quando me formei na escola de idiomas, fui aprovada na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no curso de Letras. A partir do terceiro período foi feita a opção pela sequência na área de Língua Inglesa e, apesar de minha formatura ter sido prevista para o final do ano de 2013, a cerimônia oficial aconteceu apenas no início de 2014, devido a uma greve. Embora eu tenha entrado no curso de Letras com um objetivo em específico, no decorrer do curso me interessei por todo o leque de opções que a Letras nos oferece, incluindo a docência. Fui monitora de algumas disciplinas, assim como

fui do PIBID também. Cumpri todos os estágios e, no decorrer de todas essas experiências, me vi apaixonada por ensinar.

Embora nessa época eu ainda me encontrasse no terceiro ano do curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa, consegui desenvolver um olhar crítico ao analisar o ambiente escolar, percebendo que as salas de informática e o auditório equipado com data show não eram utilizados por nenhum dos professores dessa escola central, da rede estadual de Uberlândia - MG. Durante esse período de minha atuação como pibidiana nessa escola, houve raras situações em que algum professor reservou alguma dessas salas para uma mostra de vídeos ou acesso à internet, por exemplo.

Nós, graduandos do curso de letras, participantes do projeto, éramos designados a trabalhar em duplas, de modo que cada dupla era responsável por ministrar aulas semanalmente para duas turmas nessa escola estadual. No meu caso, minha dupla e eu ficamos responsáveis por uma turma de sexto ano e outra de sétimo ano do ensino fundamental da educação básica. Assim, ao concluir que esses espaços tecnológicos dos quais a escola dispunha estavam em desuso, juntamente com minha colega de projeto, que também via as tecnologias como uma grande aliada no contexto educacional, optamos por planejar nossas aulas no formato de oficinas culturais de língua inglesa.

Felizmente, essa proposta nos fora permitida após uma conversa com a coordenadora da nossa equipe do PIBID, bem como o uso da sala equipada com projetor pela supervisão da escola. A única exigência burocrática era de que devíamos seguir o protocolo de reserva da sala de recursos audiovisuais com antecedência e que ficássemos responsáveis por trancar a sala ao voltar com os alunos para suas respectivas salas de aula ao término da atividade.

Em nossas oficinas culturais trabalhávamos com a gramática de modo contextualizado implícito, dentro de temáticas culturais diversas, além de propor dinâmicas que, muitas vezes envolviam algum recurso online, como um site, por exemplo. Nos eram exigidos diários reflexivos mensais, além de pequenos relatos semanais, ambos escritos individualmente. A cada aula ministrada e a cada relatório escrito, observávamos, eu e minha colega de trabalho, que os alunos respondiam muito melhor às nossas aulas na sala equipada com data show, do que em aulas na própria sala de aula, utilizando de livro, quadro e giz.

A disposição desses estudantes, era visivelmente maior ao utilizarmos de aparelhos tecnológicos que chamassem a atenção para o visual, para a observação, para o som, dentre outros recursos possíveis. Além de se mostrarem claramente mais engajados, recebíamos feedbacks animadores dos próprios alunos. Isso fez com que eu, Priscilla, me sentisse ainda mais confiante com minha crença nas melhorias que a tecnologia pode trazer para o ambiente de ensino aprendizagem, quando bem utilizada, dentro de uma aula bem planejada.

A partir dessa inquietação que tive ainda na graduação, sobre como a tecnologia é tão ignorada, mesmo que ela tenha tanto a contribuir com o ensino, minha vontade em utilizá-la nas aulas de língua inglesa aumentou ainda mais. Mostro abaixo, em uma fonte diferente, a fim de destaque, um de meus diários reflexivos. Esta foi uma das narrativas que fiz durante a participação no projeto, onde cito inclusive a temática da tecnologia, que sempre me agradou bastante.

Diário reflexivo - PIBID - Mês: fevereiro / 2013

O mês de fevereiro foi o que considerei como sendo o real retorno às nossas atividades, visto que, só neste mês as aulas recomeçam nas escolas em que trabalhamos. Nesse mês de reinício, tivemos mais tempo para planejar o que iremos fazer no projeto pelo resto do ano; por isso, aproveitei para pesquisar sobre uma área que gosto muito, que é o uso da tecnologia em sala de aula. Aproveitei também para reorganizar meus arquivos do PIBID e organizar meus materiais. Sobre as reuniões, foram bastante produtivas, já que nesse ano teremos mais abertura para escolher o que e como vamos trabalhar nas oficinas com os alunos das escolas participantes do projeto. Percebemos conversando nas reuniões que os erros do ano passado foram ótimos para aprimorarmos tudo nesse ano de 2013. Estamos todos animados com o que vem por aí; creio que todos os meus colegas estão, assim como eu, com boas expectativas para reiniciarmos nosso trabalho nas oficinas. Fizemos também nas reuniões, o planejamento do ano (desde os temas para as oficinas e viagens técnicas/culturais, até apresentações de trabalho/painel sobre as experiências vividas e vivenciadas por nós dentro do projeto). Por fim, posso concluir que foi um bom mês, onde desenvolvemos novas ideias e perspectivas. (Narrativa, autora, 2013).

Com exceção aos estágios, atuo profissionalmente desde 2014, que foi o ano em que concluí minha graduação em Letras. Atualmente sou pós-graduanda, finalizando a última disciplina de uma especialização presencial no curso de Tecnologias, Linguagens e Mídias em Educação no Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM – Campus Uberlândia Centro) e com outra especialização em andamento, EAD: Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva, pelo Instituto Federal de Uberlândia (IFTM – Uberaba). Também sou discente na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no curso de Mestrado em Estudos Literários, desenvolvendo uma pesquisa relacionada à interartes. Entendo que esses espaços de atuação e formação me propiciaram a aprimorar meu olhar para identificar oportunidades

distintas para meu trabalho como professora e, talvez por isso, meu interesse em utilizar os vídeos em sala de aula.

2.2 THE GOOD PLACE: CONTEXTO DA ESCOLA ⁷

Para que fique mais claro o relato das experiências vividas com a turma de conversação em língua inglesa, defino agora o espaço dos ocorridos. Trata-se de uma escola de idiomas e artes da rede privada, localizada em Uberlândia (MG), que está em funcionamento há 18 anos. A escola não é franquia e, a concepção de ensino da escola consta em utilizar uma metodologia própria, considerada adequada para todos os tipos de aprendiz. Essa metodologia é denominada pela escola como “Comunicativa Interativa”. O princípio básico desta metodologia é a motivação em aprender e, por isso, ela se encontra em constante aprimoramento pela escola.

Embora a escola seja particular, creio que este tenha sido um fator facilitador que encontrei em minha pesquisa, tendo em vista a liberdade de escolha que o corpo docente da escola tem, de uma maneira geral, em escolher com qual material didático trabalhar. No caso desta pesquisa, o material escolhido pela professora-pesquisadora que atua em turmas de conversação em L.I, foi o material didático criado por ela mesma, que percebeu poder contribuir de formas melhores para o aprofundamento dos alunos no idioma em questão, levando em conta a realidade em que vivem e o que gostam.

⁷ **The Good Place**

Figura 1 - Fotos tiradas pela autora, mostrando o contexto da sala de vídeo e sala de aula.



Fonte: fotos tiradas pela autora.

3. RIVERDALE: INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO ⁸

Consideramos que os instrumentos de investigação fazem parte da pesquisa de campo, que traz consigo as experiências do próprio pesquisador e que está entrelaçada à pesquisa narrativa. Por isso, apresentamos nesta seção qual foi a forma utilizada para a coleta dos dados. Na chamada pesquisa de campo, segundo Clandinin e Connely (2011, p. 133)

(...) exploramos as maneiras nas quais nossa relação de pesquisador com as histórias dos participantes - as histórias sendo vividas e contadas - dão forma a natureza dos textos de campo, assim como os tipos de textos de campo que podem ser compostos. Quando fazemos isso, nós estamos cientes de estar trabalhando no espaço tridimensional da Pesquisa Narrativa.

Ao viver a experiência da realização desta pesquisa junto de meus alunos em sala de aula, pude criar uma relação mais próxima com os estudantes, ao colocar em prática novas possibilidades e ao manter aberta a sugestões e feedbacks dados por eles. Portanto, mostro nesta pesquisa os ocorridos deste experimento, através de notas de campo que estão na forma de narrativa no decorrer deste trabalho, de fotos do ambiente escolar que se encontram na seção anterior e capturas de tela dos vídeos utilizados em sala, que realizei, que são, de acordo com Clandinin e Connely (2011, p. 134) “(...) instrumentos que podem resultar em valiosos textos de campo”.

4. INSATIABLE: RESULTADOS ⁹

A fim de mostrar os resultados desta pesquisa de maneira mais clara, deixo aqui, nos próximos parágrafos, minha narrativa sobre os diferentes momentos deste trabalho, desde o início das aulas, mostrando como foi a minha reação ao conhecer o material sugerido pela escola, bem como a reação dos alunos ao darmos início à utilização de vídeos com temáticas tão familiares a eles, quais foram as sugestões e feedbacks recebidos e, por fim, citando sobre como foi encerrado esse curso e que reações elegeral na escola como um todo.

Desde o primeiro momento que tive em contato com o livro disponibilizado pela escola, pude perceber a monotonia causada pelo mesmo. Por já ter estado ali no lugar de meus alunos, e por me colocar

⁸ RIVERDALE

⁹ INSATIABLE

constantemente no lugar deles, ao observar mais cuidadosamente aquele material didático notei que as temáticas abordadas e as poucas imagens disponibilizadas pelo livro, sendo todas em preto e branco, fizeram com que aquele deixasse de ser um material atrativo.

Devo ressaltar aqui que os alunos nem mesmo chegaram a adquirir o livro didático recomendado pela escola, devido ao fato de que eu, professora-pesquisadora, vi o material como algo propenso à monotonia. Houve a oportunidade de fazer diferente, uma vez que a escola trabalha com uma metodologia própria que dá a nós, professores, a liberdade de escolher o material que pensamos ser o melhor para utilizar com determinada turma, bem como que tipo de aula ministrar. Segundo a própria dona da escola, não basta que o aluno se sinta confortável com o livro e demais artefatos escolhidos. O professor, antes de todos, é que deve se identificar com o material para que transmita e oriente os conteúdos aos alunos da melhor maneira possível.

Além disso, as duas primeiras semanas de aula nessa escola, são sempre experimentais. Devido à chegada de novos estudantes, bem como a mudança de turma pela qual alguns alunos passam, além dos testes de nivelamento que acontecem neste período, somos instruídos pela escola a não iniciar o livro escolhido para trabalhar com a turma durante as duas primeiras semanas de aula. Acredito que este seja um aspecto muito interessante a ser pensado, visto que, neste período podemos analisar melhor o nível de conhecimento da língua, desenvolvimento e interesses dos alunos de modo a melhorar a qualidade de nossas aulas por meio, inclusive, de mudanças no material didático; sejam elas pequenas adaptações ou mesmo a troca de todo um material que tenha sido previamente escolhido.

Nas semanas iniciais de aula, como professores, temos o costume de dar aos nossos alunos aulas voltadas para o lúdico. Eu, particularmente, gosto muito de trabalhar com os chamados *Flashcards*¹⁰ e *Board Games*¹¹. Embora não sejam tecnologias digitais, sempre deixam os alunos bastante animados com a aula, mostrando um engajamento e participação maiores, muitas vezes fazendo com que aprendam durante o jogo sem nem mesmo perceberem de maneira direta. Ao utilizar nessas aulas de conversação, pela primeira vez um recurso de vídeo, tive reações bastante felizes vindas dos alunos. As expressões faciais denotavam curiosidade e empolgação, pois, escolhi mostrar algo que acreditava ser conhecido pelo menos pela maior parte dos alunos. Os que não conheciam tão bem as personagens apresentadas no excerto de vídeo, tiveram a curiosidade aguçada e, não só na primeira aula em que utilizei estes recursos, mas em diversas outras, alunos vieram até mim dizer que não conheciam e que, por conta da aula, chegaram em casa, procuraram e assistiram. A mim, desde a primeira aula, pareceu ser algo muito

¹⁰ Jogos de cartas que trabalham vocabulário e gramática de maneira leve. A temática varia com o nível da turma e conteúdo a ser estudado.

¹¹ Jogos de tabuleiro que contam com a utilização de marcadores e lançamento de dados para que haja avanço pelas casas do tabuleiro, respondendo às perguntas que surgirem no caminho. A temática também varia, de acordo com o conteúdo.

interessante e, inclusive, senti-me muito feliz por obter reações tão significativas de algo que parecia, ao menos inicialmente, tão arriscado, por eu estar criando e adaptando material didático para ministrar minhas próprias aulas.

Foi uma subversão do que é considerado o padrão e, ao encerrar o curso com esta turma de alunos, percebi que os participantes demonstraram gostar do estilo das aulas não só por meio dos feedbacks dados, mas também por algumas de suas ações, como as expressões de satisfação, disposição em buscar temas de seus interesses para contribuir com as aulas, dentre outras. A turma aqui descrita, finalizou o curso na primeira semana do mês de julho de 2019 e, ao retornar às aulas em agosto de 2019, todos os alunos voltaram desejando dar sequência e, alguns, trazendo consigo novas pessoas, a quem recomendaram as aulas.

Percebo, portanto, que esta decisão que tive de recriar o estilo das aulas de conversação do modo como era sugerido pela escola, tenha surtido bons efeitos. Fora da sala de aula, tive os olhares atentos de meus colegas de trabalho, que observei começarem a explorar mais as *Smart TVs*¹² que são disponibilizadas uma em cada sala de aula, mesmo em aulas regulares e não somente em aulas de conversação. Ao passar pelos corredores, pude ver pelas portas das salas, que são de vidro, uma boa quantidade de colegas utilizando YouTube e Netflix. Recebi, ainda, comentários diretos de alguns deles, dizendo que viram que eu estava ministrando uma aula aparentemente diferente e perguntando do que se tratava. Outros elogiando, pois, alunos meus na aula de conversação, que eram ao mesmo tempo seus alunos no curso regular de inglês, comentaram em sala sobre o que eu havia utilizado entre séries, desenhos, etc. Por isso, penso que esta batalha que travei contra um material que vi como desmotivador, foi bastante válida e, ainda, encorajadora para tantos outros, que agora parecem se sentir mais confortáveis com adaptações em suas aulas, desencadeando nos alunos a noção de ter liberdade em sugerir a seus professores alguma novidade neste sentido.

¹² Televisores inteligentes que possibilitam conexão à internet, além de diversos aplicativos e utilitários.

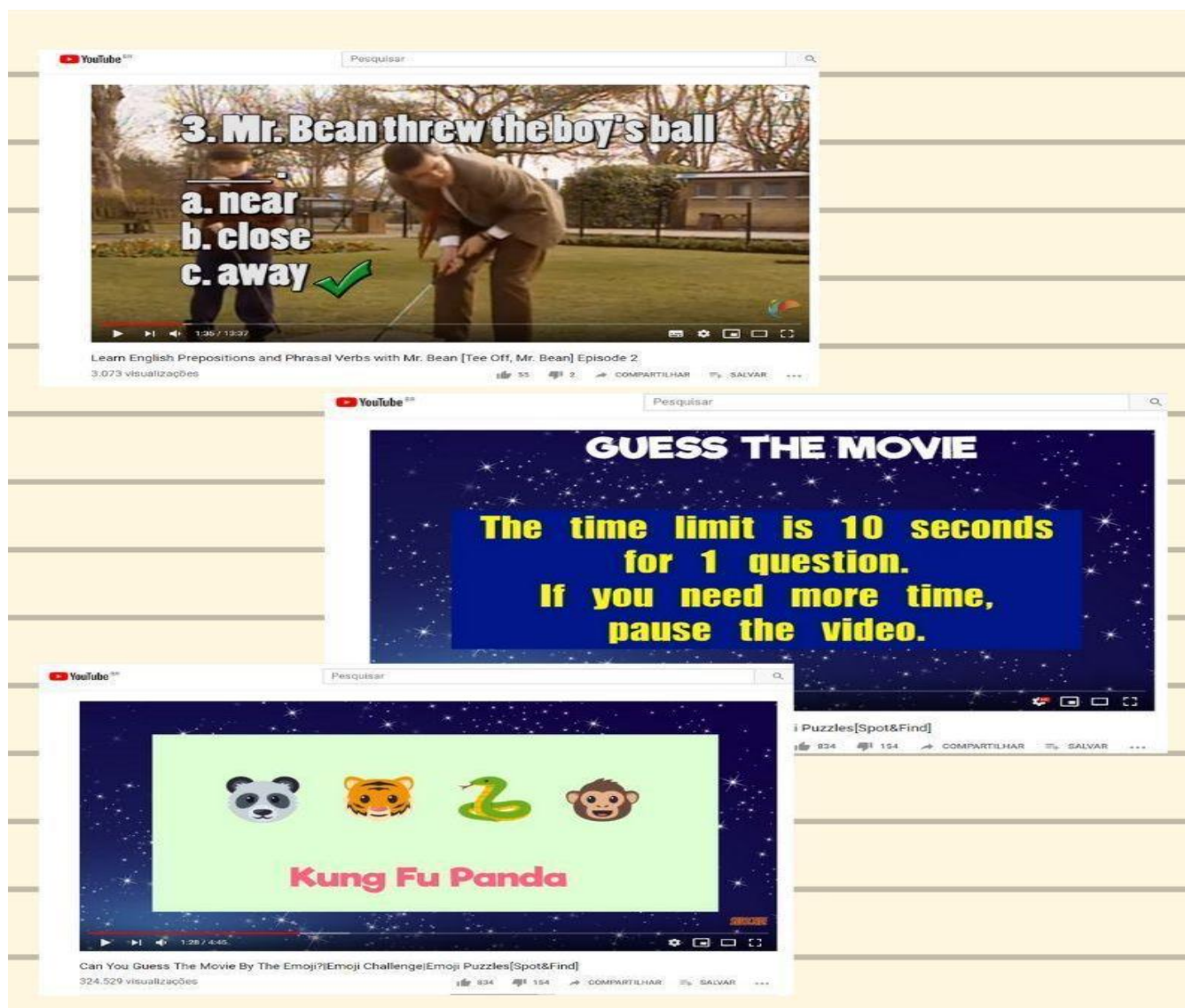
Figura 2 - Capturas de tela de excertos de vídeos de domínio público do website YouTube e da plataforma Netflix, tiradas pela autora.



Font

e: Imagens geradas a partir da plataforma Netflix e do site YouTube.

Figura 3 - Capturas de tela de excertos de vídeos de domínio público do website YouTube e da plataforma Netflix, tiradas pela autora.



Fonte: Imagens geradas a partir do site YouTube.

5. FINAL SPACE: CONSIDERAÇÕES FINAIS ¹³

O objetivo geral desta pesquisa foi atingido, visto que, o mesmo girou em torno de analisar a experiência de criação e aplicação de material didático autêntico, desenvolvido pela professora-pesquisadora, nas aulas de conversação em L.I. Ainda no decorrer do desenvolvimento desta pesquisa,

pudemos perceber as respostas para nossos questionamentos e inquietações iniciais. Para criar oportunidades de conversação em L.I utilizando trechos de vídeos como material autêntico, é necessário que, primeiramente, proporcionemos aos nossos alunos a abertura para um diálogo franco, onde possam ter autonomia suficiente para falar do que gostam, contribuindo com sugestões. Personalizar as aulas de acordo com o interesse dos alunos é um fator muito importante para que surjam boas ocasiões para que exercitem a oralidade do idioma.

Após termos percebido este interessante ponto sobre personalizar as aulas, analisamos toda a situação no desenrolar desta pesquisa e compreendemos também que, criar material didático para aulas de conversação utilizando material autêntico da internet é perfeitamente possível, desde que haja da parte do professor mediador um conhecimento prévio sobre o assunto escolhido, visto que, utilizar a tecnologia como aliada nos processos educacionais só é algo eficaz quando feito com orientação.

Não só por ter encontrado limitações no material fornecido pela escola, mas também por acreditar no poder da tecnologia aliada à educação, foi que pensei em tornar as aulas de conversação em língua inglesa mais prazerosas e proveitosas para os alunos, aproximando-me um pouco mais da realidade dos mesmos, através da utilização de recursos visuais digitais, provenientes de plataformas que são muito populares hoje em dia, como Netflix, Youtube, entre outras.

Reconheço que assumi diversos riscos ao abandonar o livro didático oferecido e tentar adaptar as aulas ao que eu acreditava, pois, como visto em Moita Lopes (2013, p. 166) “(...) nas escolas de idiomas (...) o LD ou apostilado era visto como guia norteador, um instrumento indispensável para o processo de ensino e aprendizagem”. Porém, posso dizer que hoje acredito ainda mais nos bons resultados que este tipo de trabalho de criação de material didático aliado à tecnologia pode trazer, visto que, felizmente, obtive resultados muito positivos de acordo com as reações e feedbacks dos alunos.

Acreditamos que a aprendizagem deva ser algo significativo para todos os que ali estão participando do processo de forma ativa. Nós, professores, devemos nos permitir aprender com nossos alunos diariamente. É interessante que sejamos mediadores, de modo a guiar o aprendizado dos estudantes, sem agir como detentores de toda a verdade e conhecimento. O aluno deve ser parte do seu próprio processo de aprendizagem e, exatamente por isso, permiti que dessem sugestões no decorrer do curso, a fim de alcançar meu objetivo que girava em torno de fazer com que as aulas fossem mais adequadas a eles e a mim, professora-pesquisadora que frequentemente se coloca no lugar de seus alunos, por já ter estado no lugar deles antes e por estar sempre em constante aprendizado.

Concluimos, então, que com incessante busca pelo conhecimento, podemos sempre aprimorar nossa função, materiais e ambientes de trabalho, de modo a tornar as aulas cada vez mais interessantes, não só para os alunos, como para nós mesmos, professores mediadores. Ainda que haja algumas

limitações em cada caso, como a resistência de algumas instituições quanto ao uso do material didático fornecido por eles próprios, problemas com a tecnologia a ser utilizada, ou mesmo falhas na internet, por exemplo, investir no uso das tecnologias digitais aliadas aos processos educacionais pode nos trazer muitos benefícios em todas as áreas e, não somente em aulas de conversação em língua inglesa. Com ousadia e dedicação, é possível que nos tornemos cada vez mais instruídos, de maneira a conseguir propiciar aulas cada vez mais instigantes para nossos alunos, construindo um futuro onde os processos de ensino e aprendizagem se tornem cada vez mais significativos e inovadores para alunos e professores.

Como desdobramentos para estudos futuros, este trabalho aponta como possíveis temas de investigação: o trabalho colaborativo entre estudantes e professores, a formação do professor como professor-pesquisador e a autonomia de aprendizes de língua estrangeira utilizando material autêntico em mídias disponíveis na Netflix e Youtube. Reconhecemos as limitações de espaço e aprofundamento de algumas dessas temáticas que surgiram ao longo de nossa análise. Contudo, como resultado relevante deste estudo está a reflexão sobre a própria prática pedagógica permitiu o autoconhecimento do papel como professora e a sensibilidade de engajar os estudantes no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- LOPES, Luiz Paulo da Moita. *Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. Parábola; Edição: 1ª. 2013.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia de Trabalho Científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 305 p. 1ª Reimpressão.
- SILVA, Mariana Kuntz de Andrade e. Autenticidade de materiais e ensino de línguas estrangeiras. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 20, n. 31, p.1-29, 12 jun. 2017. Universidade de São Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/1982-883720311>>. Acesso em 12 de agosto de 2019.
- SILVEIRA, Denise Tolfo; CORDOVA, Fernanda Peixoto. *Métodos de Pesquisa. Unidade 2 - A Pesquisa Científica*, Porto Alegre, SEAD/UFRGS, ed. 1, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2019.
- TANAJURA, Laudelino Luiz Castro; BEZERRA, Ada Augusta Celestino. Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent: *aproximações e especificidades metodológicas*, Santos, v. 07, n. 13, p.

10-23, jan. - jun. 2015. Disponível em:

<http://periodicos.unisantos.br/index.php/pesquiseduca/issue/view/%28jan.-jun.2015%29/showToc>.

Acesso em: 7 ago. 2019.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: *uma introdução metodológica*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p.443-466, dez. 2005. Fap UNIFESP (SciELO). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022005000300009>>. Acesso em 27 de junho de 2019.

Artigo recebido em: 02/06/2019

Artigo aceito em: 10/07/2019